

SOKAL, Alan, BRICMONT, Jean. *Imposturas Intelectuais: o abuso da ciência pelos filósofos pós-modernos*. Trad. Max Altman. São Paulo; Rio de Janeiro: Record, 1999. 316 p.

O subtítulo indica o programa do livro: “O abuso da ciência pelos filósofos pós-modernos”. E aí está mais um grande equívoco: mais um livro escrito sob perspectiva tendenciosa, com o intuito de obter êxito através do insólito. Mas não tão insólito: de vez em quando, na história do pensamento ocidental, aparece o dedo professoral do cientista repreendendo o pensador.

Muito interessante o tema, sem dúvida. Os autores, professores na área de ciências exatas, pretendem acusar alguns filósofos de ignorarem a ciência. Reprocham-nos de se enganarem ou mesmo de inventarem coisas no campo da física. Encontram, nos textos daqueles filósofos (Derrida, Deleuze, Lyotard) e também nos de psicólogos como Lacan e de lingüistas como Kristeva, inexactidões imperdoáveis ao mencionar coisas das sacrossantas ciências... exatas.

Sokal e Bricmont estão certos, conceda-se, quanto ao fato de que certos trabalhos daqueles pensadores são pouco claros. Kristeva escreve com certo toque pessoal, Derrida tece reflexões complexas, e isto às vezes parece, ao leitor, algo “confuso”. Dir-se-á o mesmo de Giovanni Vattimo e também, talvez, de Umberto Eco.

Chegam ao ponto de dizer (p. 19) que estão mostrando que o rei está nu. Realçam porém que não têm nada contra a filosofia nem contra as ciências sociais; apenas querem livrá-las do “charlatanismo”, bem como (p.10) do relativismo epistemológico. Elas devem sentir-se felizes.

E aí entra o grande problema. Desde Platão e Aristóteles que a filosofia e a ciência se diferenciam (e isto foi destacado em página brilhante por Brunschwig, um autor que os dois notáveis mestres possivelmente não conhecem). Eis o ponto: o cientista, em geral positivista, assume a fiscalização epistemológica sobre o saber em geral: saber e saberes, “humanidades”, filosofia.

E o fazem revelando uma estridente falta de senso histórico. Além do infantil desdém (implícito, ao menos por Hegel e por Platão — que foi o que ocorreu com os enormes equívocos de Popper —, os autores tomam a comunidade acadêmica de língua inglesa como algo absoluto, perante o qual se definem erros e verdades (isto, aliás, vem

acontecendo com Rorty). À página 16 parecem, porque o texto do livro *é confuso*, inadmitir a historicidade dos teoremas da geometria, mas muito adiante (p. 232) alinham itens em que determinados dados da ciência são superados dentro da mesma ciência. E citam Bertrand Russell, intelectual respeitável (politicamente também) mas diletante em filosofia. E citam Feierabend, sem o haver entendido, como se ele fosse um cientificista. Acho aliás que o meu amigo Sebastião Vila Nova foi benevolente com este livro em recensão no *Jornal do Comércio* (Recife, 6 set. 1999).

Querer que a filosofia seja monitorada pela ciência, mais, pela ciência positiva é não entender o que é a filosofia. É ignorar os dados históricos, é ignorar as pautas culturais, é repudiar gratuitamente a metafísica: é pretender que dois empertigados professores de ciências se ponham a reprovar os filósofos, maiores ou menores. O problema não consiste em saber se Derrida e Deleuze “sabem” ou “sabiam” física, e sim em saber se se deve submeter o pensamento *filosófico* ao comando dos que sabem física, dos que lidam com matemática, ou com geologia.

De qualquer sorte tudo isso é compreensível. Não teria graça se todos se dedicassem à filosofia, e compreendessem o que ela é. Mas também não tem graça falar de imposturas quando se infla desmesuradamente o próprio papel intelectual. Daí que um Sokal e um Bricmont pretendam “passar *quináu*” em Derrida e em Lacan. Breve refutarão Marx, Freud, Kant e Dilthey.

Nelson Saldanha
Universidade Federal de Pernambuco